

Para saber mais

LEITURAS

EMIR Sader. *A transição no Brasil*. São Paulo: Atual, 1990.

FONTES, Virgínia e MENDONÇA, Sonia Regina. *História do Brasil Recente - 1964-1922*. São Paulo: Ática, 2004.

LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MATOS, Marcelo Badaró. *O sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

NAPOLITANO, Marco. *O regime militar brasileiro - 1964-1985*. São Paulo: Ática, 2004.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: O grito preso na garganta*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SANTANA, Marco Aurélio Santana. *De braços cruzados: desafiando os patrões e a ditadura, milhares de operários entraram em greve e deram nova cara ao sindicalismo brasileiro*. Revista da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: BN, ano 4 n° 38, novembro de 2008. P. 57-61.

FILMES

Três irmãos de sangue. Direção Ângela Patrícia Reiniger. Brasil, 2007, 102 min. O documentário apresenta a vida de Betinho, Henfil e Chico Mário e como suas ações se misturam com a história política, social e cultural do Brasil na segunda metade do século XX. Eles

contribuíram, cada um a sua maneira, para as principais transformações pelas quais passou a sociedade brasileira nesse período.

Patriamada. Direção Tizuka Yamasaki. Brasil, 1984, 103 min. Um jornalista e seus companheiros auscultam a realidade de um Brasil lançado em cheio na campanha pelas eleições presidenciais diretas. No torvelinho da campanha, histórias de vidas misturam-se ao movimento político do país, até a derrota da emenda constitucional.

Cartas da Mãe. Direção Fernando Kinas e Marina Willer. Brasil, 2003, 28 min. O documentário é uma crônica sobre o Brasil dos últimos 30 anos contada através das cartas que o cartunista Henfil (1944/1988) escreveu para sua mãe, Dona Maria. Estas cartas, publicadas em livros e jornais, são lidas pelo ator e diretor Antônio Abujamra enquanto desfilam imagens do Brasil contemporâneo. Política, cultura, amigos e amor são alguns dos temas que elas evocam, criando um diálogo entre o passado recente do Brasil e nossa situação atual. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=1554>

Eles não usam black-tie. Direção Leon Hirszman. Brasil, 1981, 134 min. Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e

temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que havia passado três anos na cadeia durante o regime militar.

MÚSICA, POESIA E LITERATURA

João do Amor Divino. Gonzaguinha, 1979.

*39 anos de batalha, sem descanso, na vida
19 anos, trapos juntos, com a mesma rapariga
09 bocas de criança para encher de comida
Mais de mil pingentes na família para dar guarita
Muita noite sem dormir na fila do INPS*

*Muita xepa sobre a mesa, coisa que já não estarrece
Todo dia um palhaço dizendo
que Deus dos pobres nunca esquece
E um bilhete, mal escrito,
Que causou um certo interesse*

*“É que meu nome é
João do Amor Divino de Santana e Jesus
Já entreguei, num güento mais,
O peso dessa minha cruz”
Sentado lá no alto do edifício
Ele lembrou do seu menor,
Chorou e, mesmo assim, achou que
O suicídio ainda era melhor*

*E o povo lá embaixo olhando o seu relógio
Exigia e cobrava a sua decisão*

*Saltou sem se benzer
por entre aplausos e emoção
Desceu os 7 andares num silêncio
de quem já morreu
Bateu no calçadão e de repente
Ele se mexeu*

*Sorriu e o aplauso em volta muito mais cresceu
João se levantou e recolheu a grana
Que a platéia deu*

*Agora rida multidão executiva quando grita:
“Pula e morre, seu otário”
Pois como tantos outros brasileiros,
É profissional de suicídio
E defende muito bem o seu salário*

Para ouvir: <http://www.gonzaguinha.com.br/disc08.html>

Pelas Tabelas. Composição: Chico Buarque, 1984

*Ando com minha cabeça já pelas tabelas
Claro que ninguém se importa com minha aflição
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela
Eu achei que era ela puxando o cordão*

*Oito horas e danço de blusa amarela
Minha cabeça talvez faça as pazes assim
Quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas
Eu pensei que era ela voltando pra mim*

*Minha cabeça de noite batendo panelas
Provavelmente não deixa a cidade dormir
Quando vi um bocado de gente
Descendo as favelas*

*Eu achei que era o povo que vinha pedir
A cabeça de um homem que olhava as favelas
Minha cabeça rolando no maracanã*

*Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas
Eu jurei que era ela que vinha chegando
Com minha cabeça já pelas tabelas
Claro que ninguém se importa com minha aflição
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela
Eu achei que era ela puxando o cordão*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45161/>

Ou: <http://letras.terra.com.br/roberta-sa/375426/>

O Bêbado e a equilibrista. Aldir Blanc e João Bosco, 1979.

*Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos...
A lua
Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel
E nuvens!
Lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Prá noite do Brasil.
Meu Brasil!...
Que sonha com a volta
Do irmão do Henfil.
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora!
A nossa Pátria
Mãe gentil
Choram Marias
E Clarisses
No solo do Brasil...
Mas sei, que uma dor
Assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança...
Dança na corda bamba
De sombrinha
E em cada passo
Dessa linha
Pode se machucar...
Azar!
A esperança equilibrista*

*Sabe que o show
De todo artista
Tem que continuar.*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/elis-regina/45679/>

Desesperar Jamais. Ivan Lins / Vitor Martins, 1984.

*Desesperar jamais
Aprendemos muito nesses anos
Afinal de contas não tem cabimento
Entregar o jogo no primeiro tempo
Nada de correr da raia
Nada de morrer na praia
Nada! Nada!
Nada de esquecer
No balanço de perdas e danos
Já tivemos muitos desenganos
Já tivemos muito que chorar
Mas agora, acho que chegou a hora
De fazer valer o dito popular
Desesperar jamais
Cutucou por baixo, o de cima cai
Desesperar jamais
Cutucou com jeito, não levanta mais*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/ivan-lins/258963/>

A Marcha do Povo Doido. Gonzaguinha, 1980.

Esta é a macha do Povo Doido seguindo exemplo do samba do "Crioulo Doido" feito por Stanislau Ponte Preta. Lá o crioulo ficou doido por ter que fazer o seu samba enredo com todos os personagens da História do Brasil. Aqui quem está doido é o povo que parece ser o grande culpado pela crise de energia, pela carestia, pela polícia e pelo mistério de uma coisa chamada anistia que se você não sabe, não permitiu

ao anistiado ser reintegrado ao seu trabalho a não ser que passasse censura de modo que não atrapalhasse uma coisa chamada abertura.

Confesso Matei a dama de teffê E muitos mais se “ocê” quiser Eu sou qualquer José Mané Dos Santos, da Silva. Da vida

Confesso

A culpa pela carestia E pela crise de energia Eu sou o dono da OPEP Ou da pepsi, ou pop, ou coca

Confesso (não precisa bater) E confessar me alivia Vem meu bem, me condena Com aquela anistia Me manda logo pra cadeia

Garanta

Um pouco a minha poupança Pois, pelo menos estando em cana, A minha pança Ai ter um pouco de aveia Ou feijão com areia

Para ouvir: <http://www.gonzaguinha.com.br/disc09.html>

SILVEIRA, Ênio. Os Arautos da Mentira (publicado originalmente Encontros com a Civilização Brasileira nº 7, janeiro de 1979) in FELIX, Moacyr (org). Ênio Silveira: Arquiteto de Liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, pp 113-117.

O Brasil é tão grande, tão cheio de problemas sociais que, de qualquer ângulo de visão em que nos coloquemos, será fácil comprovar a coexistência de vários “países”, superpostos ou enfileirados, cobrindo a extensa gama que retrocede do superdesenvolvimento econômico aos mais primitivos estágios de vida humana e trazendo consigo, evidentemente, as mais variadas formas de consciência e comportamento políticos.

Essa multiplicidade, que a um só tempo é tremendo entrave ao progresso e, paradoxalmente, constitui poderoso estímulo à procura de caminhos flexíveis –

ou múltiplos – que nos conduzam ao desenvolvimento justo e harmônico da nação brasileira, parece não existir para alguns setores de atividade social, particularmente aqueles que se dedicam a criar ou vender imagens de ordem e progresso e, através delas, condicionar atitudes políticas, formar hábitos de consumo, equalizando frustrações e contendo anseios e revoltas populares dentro de limites toleráveis.

Para eles, cujo simplismo maniqueísta é a sua razão de vida, há apenas dois brasis, “aquele que já podemos mostrar” e “aquele que ainda devemos esconder”. Toda a complexa engrenagem publicitária em operação no País, seja pública ou privada, esteja voltada para campanhas de natureza institucional ou dedicada a objetivos diretamente comerciais, parte dessa premissa.

“O Brasil que já podemos mostrar” é aquele que tem ares de gente rica, que de ano para ano compra mais eletrodomésticos, mais automóveis, levando o general Geisel, com sua ingenuidade pequeno-burguesa, a embarcar-se com tão grande distribuição de potencial econômico. É aquele que se alimenta bem, toma banho duas vezes ao dia, usa desodorantes e xampus, apresenta aspecto sadio e esportivo nos comerciais de cigarros, sabe escovar os dentes... É aquele que aparece deslumbrante, adorável e sem mácula, nas picaretagens multicoloridas dos Bloch e amarais Netto da vida. É aquele, em suma, que “já está preparando para a democracia”, como acreditam os benefactores de la Pátria que há 15 anos nos tutelam.

Para esse Brasil tudo pode, tudo deve ser feito, pois é ele que produz, é ele que desenvolve o país, é ele que promove nossa participação (ainda que minoritária) nas dinâmicas configurações multinacionais do capitalismo contemporâneo. O “outro” Brasil, “o que ainda devemos esconder”,

o que produz pouco e consome ainda menos, tem de compreender isso, tem de sacrificar-se em muito trabalho e pequeno ganho, para que, como ensinam os modernos enciclopedistas Mário Henrique Simonsen, Reis Velloso, Delfim Netto e Shigeaki Ueki, a Nação primeiro amealhe riqueza para depois promover sua justa distribuição.

O general João Baptista Figueiredo, o novo benefactor que o regime emanado do golpe de 64 nos impõe, já não nos permite supor e temer, a esta altura, que seu governo não venha a ter condições para discrepar dos anteriores e se manterá prioritariamente voltado para exteriorização de progresso, essa ostentação de riqueza setorial que lembra a dos marajás da antiga Índia colônia, ou a dos príncipes e emires de algumas potências petrolíferas de nossos dias, ilhas de fortuna e bem-estar num oceano de miséria.

Seu estilo franco de falar, sua “grossura” às vezes engraçada, seu informalismo de atitudes levaram muitas pessoas – entre as quais me incluo – a admitir que ele poderia, enfim, cruzar o círculo de giz em que viram encerrados desde 1964 todos os chefes do executivo, romper o muro de preconceitos edificadas pela chamada “Revolução Democrática” e, governando em sintonia com as justas aspirações do povo brasileiro (60 por cento dos quais se acham integrados no outro Brasil, naquele que ainda devemos esconder...), evidenciadas pelas últimas eleições, iniciar uma fase de progressiva institucionalização democrática, voltando-se antes para a base do que para a cúpula da pirâmide social.

Seja porque tenha na realidade menos independência e força do que necessidade para cumprir a mudança de regime que prometeu, seja porque, afinal, tenha que comportar-se como mais um aparatchik, isto é, mero instrumento do esquema que efetivamente exerce o poder desde o

golpe de abril, o fato é que nosso futuro presidente, tendo disposto sempre do eficiente órgão de pesquisa que é o SNI e podendo valer-se, nos quatro meses que se colocam entre as eleições de novembro e sua posse, de uma interpretação realista e isenta do pleito, parece ter preferido acreditar nos arautos da mentira, nos “comunicadores sociais” a serviço do governo ou da ARENA, que, de tanto veicularem interpretações tendenciosas e douradas falsificações, acabaram por conseguir credibilidade perante seus próprios mentores...

Por isso, por acreditar nos “assessores de comunicação social” a serviço do governo, o general Figueiredo parece ter-se convencido de que a ARENA mereceu de fato a preferência do eleitorado e de que tal vitória equivale a indiscutível aval às ações e atitudes dos governos chamados “revolucionários”. A escolha dos ministros que irão compor seu gabinete é, no que se refere algumas pastas de fundamental importância, um refogado dos gabinetes Médici-Geisel. Homens notoriamente a serviço dos interesses e das “prerrogativas” desse Brasil “que já se pode mostrar”, desse Brasil “civilizado e desenvolvido” que é “parceiro” de jogadas financeiras transnacionais, os ministros do primeiro gabinete Figueiredo não lhe darão ensejo de manter e construtivo diálogo com o outro Brasil, explorado e sofrido. Os arautos da mentira levaram o general a perder contato com a realidade, para governar – pois não governará na prática quem tiver como assessores os prepostos dos grandes grupos multinacionais.

Mas não é de hoje que os reis ficam nus, sem que lhes digam a verdade. Salazar e Franco não tinham a menor idéia de que o piccolo mondo de seus sonhos iria para o inferno juntamente com suas inglórias carcaças. Adolf Hitler, até o melancólico final – em apenas doze – de seu “Reich de Mil Anos”, acreditava nos relatórios cuidadosamente

preparados – eram os fransinopses daquele tempo – que lhe chegavam às mãos, e nos boletins radiofônicos destinados à propaganda.

Tenho bem presente na memória o Götterdämmerung, hitlerista porque acabei de devorar um livro muito revelador: Diário – última anotações, 1945, de Joseph Goebbels, publicado pela Editora Nova Fronteira, em boa tradução de Lya Luft. Antifascista convicto que sou, desde que me conheço por gente, tenho o hábito e o gosto de ler quase tudo o que de interessante se publique, aqui ou no exterior, sobre o fascismo, suas origens e suas variantes. Dessa bibliografia cada vez mais extensa e substanciosa possuo não poucos livros, muito úteis e curiosos alguns, aos quais volta e meia recorro para documentar-me. Ao lado de obras essenciais como Ascensão e Queda do III Reich, de William S. Shirer, The Brutal Friendship (Hitler-Mussolini), de F. W. Deakin, Hitler, de Joaquim Fest, Inside the Third Reich, de Albert Speer, essas memórias finais do ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, superarauto da mentira ideológica e factual, do ódio racial e da antidemocracia, constituem acréscimo importante.

Nelas se verificará, em inúmeras passagens, que a onda de mentiras ou de meias-verdades veiculadas pela máquina de propaganda alemã acabou por envolver seus próprios autores, num dramático feedback que dificultou a Hitler e a seus colaboradores mais imediatos a completa percepção, em tempo hábil, de que o colapso militar, econômico e político do Reich seria inevitável. Milhares e milhares de vidas humanas se perderam por causa disso, além da destruição de riquíssimo patrimônio cultural e artístico nas metrópoles alemãs e em toda a Europa conflagrada.

O abuso da força, em qualquer época da história da humanidade, teve sempre a seu lado a cumplicidade da mentira. O testamento político de Adolf Hitler,

escrito em 29 de abril de 1945, quarenta e poucas horas antes de suicidar-se no bunker berlinense que as tropas soviéticas estavam conquistando palmo a palmo, nos demonstra que permanecia dominado pelas falsidades que ele e sua camarilha usaram como ponto de apoio: ...“Não é verdade que eu, ou qualquer outra pessoa na Alemanha, tenha desejado a guerra de 1939. Ela foi desejada e provocada tão-só por aqueles estadistas internacionais que ou eram de origem judia, ou trabalhavam em prol de interesses judeus”... “Os séculos passarão: dos escombros de nossas cidades e monumentos artísticos, porém, renovar-se-á incessantemente o ódio ao povo que em última instância é o culpado de tudo: os judeus internacionais e seus colaboradores!” Voltemos ao Brasil, no entanto, que Hitler, Goebbels e quase toda a gang já viraram pó, ao passo que os nossos problemas, aqui, são terrivelmente pesados. Hitler e os arautos da mentira nazista puseram a culpa de tudo nos “judeus internacionais”. Os porta-vozes do regime que temos no poder desde 1964 repetem monotonamente que a culpa de nossos infortúnios deve ser atribuída aos “comunistas”, segundo as lições recebidas de seus mestres norteamericanos do Pentágono.

E “comunistas” ou “filo-comunistas”, aqui, continuarão sendo todos os que lutam agora – como já lutavam antes de 1964, dentro ou fora de partidos –, por uma vida melhor, mais justa e mais digna para o nosso povo.

Não podemos aceitar, calados, que o inevitável colapso de um esquema monetarista, tecnocrático, contrário aos legítimos interesses da Nação, seja atribuído precisamente àqueles que buscam o fortalecimento de instituições democráticas capazes de dar ao povo brasileiro a independência econômica e a soberania política de que tanto necessita para a sua segurança e seu desenvolvimento.

SITES

NPC:

<http://www.piratininga.org.br/>

Perseu Abramo:

<http://www.fpabramo.org.br/>

Tortura nunca mais:

<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

DE OLHO NO CONTEÚDO

1) Ao longo dos anos 70, pudemos assistir no Brasil o fortalecimento da organização coletiva da chamada sociedade civil, na luta contra a ditadura militar. Nesse contexto, o final da década em todo o país foi marcado pela luta dos trabalhadores, organizados em seus sindicatos, que promoveram diversos movimentos grevistas. Sendo assim, podemos analisar este momento político por intermédio de diversos processos de mobilização e luta. Vamos tentar?

2) A partir de 1979, o governo Figueiredo deu continuidade à chamada “transição controlada”, iniciada no governo do General Geisel. A força da mobilização da sociedade civil empurrou a ditadura a adotar medidas concretas no chamado período de abertura, revelando cada vez mais as contradições do regime. O fim do bipartidarismo e a Lei de Anistia são alguns exemplos. O que veremos a seguir será a grande mobilização popular em torno da luta pelo retorno ao voto direto para presidente da República. Elabore uma síntese desse movimento.

DE OLHO NAS IMAGENS

As imagens abaixo, retratam o movimento sindical em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980. Através delas podemos perceber a amplitude da luta dos trabalhadores que se somaram à luta pela abertura política do país. O que você pensa disso?



